

# REVISTA MARACANAN

## Artigo Livre

### Uma República luso-brasileira das letras: a interlocução entre Eduardo Prado, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós no final do século XIX

*A Portuguese-Brazilian Republic of Letters: the interlocution between Eduardo Prado, Ramalho Ortigão and Eça de Queirós in the late nineteenth century*

**Rodrigo Perez Oliveira**

Universidade Federal da Bahia

prodrigo434@gmail.com

**Resumo:** Este estudo aborda as redes de socialização constituídas por letrados brasileiros e portugueses no final do século XIX. Trato aqui, especialmente, da interlocução estabelecida entre Eduardo Prado (1860-1901), Eça de Queirós (1845-1900) e Ramalho Ortigão (1836-1915), buscando compreender como esses autores trataram os temas da temporalidade moderna e da função social das letras. Analisando, sobretudo, a correspondência desses três escritores, percebo que nas suas conversas privadas, eles estavam sensibilizados pela combinação entre valores constitutivos dos repertórios conservadores e republicanos, que ao longo do século XIX se consolidaram como críticas ao modelo de sociedade forjado na ilustração. Por isso, neste estudo, examino como Eduardo Prado, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão se apropriaram dessas duas tradições e verbalizaram as angústias que naquele momento inquietavam parte da intelectualidade luso-brasileira.

**Palavras-Chave:** Eduardo Prado; Eça de Queirós; Ramalho Ortigão; Socialização Intelectual.

**Abstract:** This study deals with the lettered socialization networks made up of Brazilian and Portuguese intellectuals in the late nineteenth century. I treat here, especially the established dialogue between Eduardo Prado (1860-1901), Eça de Queiros (1845-1900) and Ramalho Ortigão (1836-1915), trying to understand how that scholars have addressed the issues of modern temporality and the social function of letters. Analyzing, above all, the correspondence of these three writers, I realize that in their private conversations they were sensitized by the combination of constitutive values of the conservative and republican repertoires, that throughout the nineteenth century consolidated as criticisms of the model of society created in illustration. Therefore, in this study, I examine how Eduardo Prado, Eça de Queirós and Ramalho Ortigão appropriated these two traditions and verbalized the anxieties that at that moment disturbed part of the Portuguese-Brazilian intelligentsia.

**Keywords:** Eduardo Prado; Eça de Queirós; Ramalho Ortigão; Intellectual Socialization.

**Recebido:** Setembro de 2016

**Aprovado:** Março de 2017

## Introdução

- Quando o amigo Ramalho vai finalmente pegar uma  
caravela e redescobrir o Brasil?  
- No mês que chega; Prado já preparou tudo.<sup>1</sup>

O trecho acima foi extraído da correspondência trocada entre Eça de Queirós (1845-1900) e Ramalho Ortigão (1836-1915) em julho de 1887. Os escritores portugueses tratam da visita de Ramalho Ortigão ao Brasil, que teria início em agosto daquele mesmo ano. O “Prado” que, segundo o próprio Ramalho Ortigão, já havia acertado todos os detalhes da sua viagem e instalação em terras brasileiras é Eduardo (1860-1901), um dos mais importantes escritores brasileiros em atuação no final do século XIX.<sup>2</sup> Eduardo Prado não foi apenas o principal organizador da viagem; foi, sobretudo, o grande entusiasta, alguém que estava profundamente interessado em ouvir o que Ramalho Ortigão tinha a dizer sobre o Brasil. Eça de Queirós testemunhou a expectativa com a qual Prado aguardava os primeiros relatos da viagem. Em carta enviada ao amigo português, o autor de *Os Maias* escreve: “há alguns dias que Prado não fala em outra coisa que não a sua bendita viagem ao Brasil. Não tarde a escrever as suas primeiras notas sobre os costumes locais.”<sup>3</sup>

Nosso objetivo neste artigo é examinar a interlocução estabelecida entre Eduardo Prado, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, o que nos possibilita visitar temas que naqueles tempos inquietavam a inteligência luso-brasileira, tais como a relação entre as tradições nacionais e a temporalidade moderna e o engajamento social e político dos homens das letras. Acreditamos, e é essa a nossa hipótese de trabalho, que essas personagens estavam se movimentando no mesmo campo semântico, marcado pela presença de valores pertencentes aos repertórios do conservadorismo moderno e da tradição republicana clássica. A existência

<sup>1</sup> QUEIRÓS, Eça. *Correspondência*. Porto: Lello & Irmãos, 1963, p. 131.

<sup>2</sup> Entre os trabalhos que já se dedicaram à trajetória intelectual de Eduardo Prado, destacamos: PAGANO, Sebastião. *Eduardo Prado e sua época*. São Paulo: Ed Cetra, 1960; MOTA FILHO, Cândido da. *A Vida de Eduardo Prado*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967; LEVI, Darrel E. *A Família Prado*. São Paulo: Cultura 70, 1977; JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os subversivos da república*. São Paulo: Brasiliense, 1986; QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *Os radicais da república*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1986; ARMANI, Carlos Henrique. *Discursos da Nação: historicidade e identidade nacional no Brasil em fins do século XIX*. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2010; BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. *Vida literária no período de Prudente de Moraes (1894-1898): Eduardo Prado, pensamento oligárquico e restauração monárquica*. In: SILVA, Fernando Teixeira; NAXARA, Márcia R. Capelari & CAMILOTTI, Virgínia C. *República, liberalismo, cidadania*. Piracicaba: Ed. UNESP, 2003; LEONZO, Nancy. *A historiografia antirrepublicana: a obra de Eduardo Prado*. São Paulo: Ed. USP, 1993; GIAROLA, Flávio Raimundo. Os “pastores guerreiros”: Jesuítas, Catolicismo e história no pensamento monarquista-católico. *Revista Científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte*, v. 7, n. 1, jan./jul. 2014; ALONSO, Ângela. Arrivistas e decadentes: o debate político-intelectual brasileiro na primeira década republicana. *Novos Estudos, CEBRAP*, São Paulo, n. 85, p. 131-148, 2009; OLIVEIRA, Rodrigo Perez. *O conservadorismo de Eduardo Prado: a combinação dos repertórios antigo e moderno do pensamento político ocidental. (1879-1901)*. 2015. Tese (Doutorado), PPGHS-UFRJ, 2015.

<sup>3</sup> QUEIROZ, Eça de. *Correspondência. Op. cit.*, p. 133.

desse campo semântico comum levou os autores a tratarem esses temas de forma semelhante, o que sugere uma intensa interlocução e a existência de estreitos vínculos de amizade, que configuraram uma rede de socialização letrada que envolvia, também, outros nomes, como Martinho Carlos de Arruda Botelho (1867-1914), José Maria da Silva Paranhos Jr, o Barão de Rio Branco (1845-1912) e Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921).

Eça de Queirós e Ramalho Ortigão eram, respectivamente, quinze e vinte e quatro anos mais velhos que Eduardo Prado. Essa diferença de idade explica, em parte, a ascendência que os dois experientes escritores portugueses exerceram sobre o autor brasileiro desde o final da década 1870, quando Prado, ainda um jovem estudante de direito na Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo, era leitor da revista *As Farpas*, periódico editado por Queirós e Ortigão.<sup>4</sup> Tal ascendência, é importante destacar, não significa que Prado tenha sido passivo nessa interlocução. A correspondência trocada entre os três autores mostra como o brasileiro era respeitado pelos seus amigos portugueses. Segundo os biógrafos de Eduardo Prado e Eça de Queirós,<sup>5</sup> foi o segundo quem inseriu o primeiro no círculo letrado que ficou conhecido como “vencidos na vida”.<sup>6</sup> Ao que tudo indica, os dois se conheceram em meados da década de 1880, na capital inglesa, onde Eça de Queirós desempenhava a função de diplomata. Maria Eça de Queirós, filha do escritor português, deixou registros que apontam a constante presença de Eduardo Prado na intimidade da sua família.

---

<sup>4</sup> É bastante curiosa a história da criação desse periódico. No começo de 1870, Eça de Queirós voltou para Lisboa depois de uma temporada em Évora, tendo, nesse momento, retomado seus contatos com Ramalho Ortigão. Ao examinar os relatos dos dois escritores, A. Campos Matos, autor que recentemente escreveu a biografia de Eça de Queirós, diz que em uma mesa de bar, os dois resolveram pregar uma peça no público leitor português. Então, eles enviaram para o jornal *Diário de Notícias*, que era um dos mais lidos na capital portuguesa, relatos fictícios de casos de assassinato. Como o editor do jornal gostou da ideia, o periódico passou a publicar semanalmente cartas anônimas com o título “Mistério da Estrada de Cintra” que falavam sobre “crimes horrorosos” cometidos em Portugal. Nas palavras do biógrafo: “O empreendimento dos escritores tinha como objetivo fazer uma impiedosa crítica aos *feuilletons*, novelas fantasiosas e açucaradas que atravancavam os jornais e eram consumidas por um público pouco exigente. Para tanto, eles engendraram um projeto com uma natureza bem original: fizeram um uso meta linguístico da mídia impressa, transformando a forma que reporta o fato (o jornal noticioso) no suporte para o texto ficcional derrisório (a paródia), cuja pretensão era desmascarar a ficção, que não é literatura (a novela romanesca)” p. 98. O sucesso do “Mistério da Estrada de Cintra” levou, ainda segundo o biógrafo, os dois amigos a decidirem prolongar a parceria intelectual e fundar uma revista de crítica de costumes com viés humorístico. Nascia assim *As Farpas*. Ver: MATOS, A. Campos. *Eça de Queiroz: uma biografia*. Campinas: Ed. Unicamp, 2014.

<sup>5</sup> Entre os diversos estudos que apontaram a grande amizade e estima que caracterizou as relações desenvolvidas entre Eduardo Prado e Eça de Queirós, destacamos quatro biografias, duas dedicadas ao brasileiro e duas ao português, respectivamente: MOTA FILHO, Cândido da. *A vida de Eduardo... Op. cit.*; PAGANO, Sebastião. *Eduardo Prado e... Op. cit.*; MATOS, A. Campos. MATOS, A. Campos. *Eça de Queiroz... Op. cit.*; MÔNICA, Maria Filomena. *Vida e obra de José Maria Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

<sup>6</sup> A “Questão Coimbrã”, que eclodiu em meados da década de 1860, está na origem dos “Vencidos na Vida”. Em linhas gerais, foi uma polêmica literária que surgiu nos corredores da Universidade de Coimbra, onde dois grupos passaram a trocar hostilidades. Um desses grupos era marcado pelo apego às tradições literárias românticas, sendo Antônio Feliciano de Castilho, um dos mais importantes escritores da época, o seu principal representante; o outro grupo era formado por jovens literários que reivindicavam mudanças na cultura e na sociedade portuguesas, sendo Teófilo Braga e Antero de Quental suas principais lideranças. Toda essa rebeldia literária e os seus desdobramentos políticos foram canalizados nas famosas “Conferências do Casino Lisboense”, que foram realizadas ao longo de 1871. Desses encontros resultou a aproximação entre alguns letrados portugueses, os mesmos que no final da década de 1880 constituiriam o grupo dos “Vencidos na Vida”. Cf: MEDINA, João. *A Geração de 70: uma geração revolucionária e europeísta*. Lisboa: Instituto de Cultura e Estudos Sociais, 1999.

Noutra época teve a escultura grande êxito como passatempo artístico. Logo Prado, com aquele generoso entusiasmo que o tornava tão simpático, trouxe largas blusas e linho grosso, montes de *terre glaise* e vários apetrechos para se trabalhar tecnicamente. Também trouxe modelos de artistas conhecidos, cães, gatos. Enquanto escrevo estas linhas, tenho aqui, ao pé de mim, um cão modelado pelo bom Prado, que num momento de inspiração lhe imprimiu uma forte dedada na cabeça. Tão entusiasmado ficou com a sua obra, que a mandou fundir em bronze e a deu a meu pai.<sup>7</sup>

O contato de Eduardo Prado com a família Queirós foi tão intenso que o amigo chegou a tentar articular o casamento do brasileiro com Benedita, irmã mais jovem de sua esposa, a Dona Emília Rezende. Porém, parece que o temperamento da moça foi um obstáculo para o sucesso das articulações matrimoniais do autor de *Os Maias*.

Lamento que a Benedita não se tenha mostrado ao Prado sob o seu aspecto simples e atraente – e que se tenha dado ares pessimistas e desiludidos. Esta rapariga necessitava palmatoadas. Todas as suas qualidades que são excelentes e sólidas, as inutiliza, tomando atitudes falsas, por uma deplorável e mórbida paixão de fazer efeito. Pois no Prado, perde, penso eu, a maior chance da sua vida.<sup>8</sup>

Mais importante que as anedotas amorosas foi a intensa interlocução que aproximou Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Eduardo Prado. O próprio Ramalho Ortigão, em carta endereçada a Eça de Queirós em abril de 1887, diz que:

acaba de chegar a Lisboa um bonito jovem, sobrinho do Prado, que mais parece seu irmão mais moço. Vamos fazer um jantarzinho para trazer mais essa alma para a nossa republiquetazinha. [...] Maria Amália, Paranhos e Botelho já disseram que virão. Só falta o amigo arredio fazer o mesmo.<sup>9</sup>

O “bonito jovem” do qual fala Ramalho Ortigão é Paulo Prado (1869-1943), sobrinho de Eduardo, que teve seu ingresso no círculo dos “vencidos na vida” intermediado pelo tio. Também Paulo Prado se tornaria um dos mais importantes escritores brasileiros, sendo especialmente atuante na década de 1920. O que mais chama a nossa atenção nessa breve citação é o termo que Eça de Queirós utiliza para designar a rede de relacionamentos que envolvia todos esses escritores: republiquetazinha. Tenho, aqui, uma importante pista, um rastro que pretendemos seguir na reflexão ora desenvolvida.

A noção “República das Letras” é uma das mais importantes da cultura intelectual moderna. Em um estudo específico sobre a sua concepção na cultura científica inglesa do século XVIII, a historiadora Lorraine Daston afirma que o termo se relaciona, diretamente, ao cosmopolitismo que caracteriza a interlocução letrada no mundo ocidental moderno. Ao destacar a imaterialidade da República das Letras, “falta de localização física, administração formal e tijolo e argamassa”<sup>10</sup> a autora concentra sua análise, justamente, no aspecto da interlocução, destacando que as modernas tecnologias de comunicação foram fundamentais para que nascesse a ideia de um espaço comum aos letrados. De acordo com Peter Burke, que

<sup>7</sup> MATOS, A. Campos. *Eça de Queiroz... Op. cit.*, p. 199.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 200.

<sup>9</sup> QUEIRÓS, Eça. *Correspondência. Op. cit.*, p. 133.

<sup>10</sup> DASTON, Lorraine. *The Ideal and Reality of the Republic of Letters in the Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University press, 1991, p. 27.

também escreveu sobre o assunto, a expressão *Respublica Litterarum* foi cunhada no século XV e se manteve em uso corrente desde então. Para o historiador inglês, em um primeiro momento, ela significava uma “comunidade imaginada” dentro da qual os estudiosos se comunicavam e colaboravam entre si, o que teria sido fundamental para a construção de uma identidade para o homem das letras, que, diferente do filósofo clássico, cada vez mais se afirmava como um especialista membro de um círculo constituído por pares.

A imagem de uma república não era pura ficção, pois havia costumes e instituições que facilitavam a colaboração ou, pelo menos, a cooperação a distância, por exemplo, escrever cartas em latim, rompendo a barreira das línguas vernáculas europeias; fazer doações de publicações e informações; visitar outros estudiosos quando se viajava.<sup>11</sup>

Nesse sentido, assim como Lorraine Daston, Peter Burke também destaca a interlocução e o fluxo de comunicação como os principais elementos da moderna “República das Letras”. É, justamente, esse fluxo de comunicação um dos principais aspectos da análise que desenvolvemos neste artigo, onde examinamos a rede de interlocução letrada que aproximou Eça Queirós, Eduardo Prado e Ramalho Ortigão. Nesse sentido, a correspondência trocada entre esses autores ganha o estatuto de principal fonte no *corpus* documental analisado. Como demonstra Roger Chartier, o trato com esse tipo de documentação nos permite

compreender melhor a maneira como os indivíduos constroem as suas representações sobre o mundo, pois ao associar práticas sociais e subjetividade, o gênero epistolar revela-se como um espaço privilegiado para a observação das relações do indivíduo consigo mesmo e com os outros.<sup>12</sup>

Além de um intenso e afetuoso vínculo de amizade, as cartas trocadas entre nossos personagens demonstram como esses autores se consideravam iguais, como membros de uma mesma comunidade que tinha na língua portuguesa o fundamento da sua identidade. Para desenvolver melhor nosso argumento, dividimos este artigo em duas partes. Na primeira seção, nos debruçamos sobre o uso que esses autores fizeram dos valores pertencentes ao repertório do conservadorismo moderno, examinando a preocupação que eles demonstraram com a sobrevivência das “tradições fundamentais” na “temporalidade avassaladora da modernidade”, como comentou o próprio Eça de Queirós em carta enviada a Eduardo Prado.<sup>13</sup> Na segunda seção, nosso esforço é o de analisar como os autores abordaram o tema do engajamento social e político do homem das letras, o que demanda a investigação da forma como eles se apropriaram do republicanismo clássico.

## A temporalidade moderna e as tradições nacionais

<sup>11</sup> BURKE, Peter. *A República das Letras europeia*. Rio de Janeiro: Revista de Estudos Avançados, n. 25, 2011, p. 277.

<sup>12</sup> CHARTIER, Roger (dir.). *La correspondance: les usages de la lettre au XIX e siècle*. Paris: Fayard, 1991, p. 09-10.

<sup>13</sup> MATOS, A. Campos. *Eça de Queiroz... Op. cit.*, p. 133.

*O amor de Prado pelo passado é mesmo contagiante, tanto que agora eu não consigo beber um vinho sem desejar conhecer as vinhedas que lhe pariram.*<sup>14</sup>

O gracejo pode ser encontrado em uma carta que Eça de Queirós enviou para Maria Amália Vaz de Carvalho em fevereiro de 1889.<sup>15</sup> Nela, utilizando um tom intimista típico da narrativa epistolar, no qual é possível perceber as “marcas de uma emoção e de uma sociabilidade que se traduzem por maneiras de pensar e de viver”,<sup>16</sup> Eça de Queirós reconhece que o convívio com Eduardo Prado estava levando-o a “amar o passado”. O apego de Eduardo Prado pelas tradições passadas também é destacado por Ramalho Ortigão, que em carta destinada a Domício da Gama, em setembro de 1889, diz que “seu conterrâneo Prado é *persona mui grata* por todos os vencidos. Em nossas conversas sempre tratamos das coisas do Brasil e de Portugal, duas nações tão distantes e tão parecidas. Prado nos entusiasma com seu amor pelas tradições brasileiras e nos faz amar mais a nossa terra”.<sup>17</sup>

Como fica claro na citação, Eduardo Prado era percebido pelos seus amigos portugueses como um homem de “temperamento conservador”, para utilizar as palavras de Eça de Queirós. O próprio Eduardo Prado, na sua extensa produção intelectual, por mais de uma vez, se apresentou como um “defensor do passado contra a voracidade da locomotiva moderna”, como ele mesmo deixou claro em novembro de 1898, no seu discurso de posse como sócio perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

O amor do passado é um sentimento atribuído pela opinião vulgar somente à senilidade queixosa e enfadonha. Eis aí uma opinião que envolve um erro, e, como todo erro, também uma injustiça, e isto quer se trate dos indivíduos, quer se trate das nações. Desprezar o passado (e a mais forte expressão do desprezo por alguma coisa é não querer conhecê-la) – denota no indivíduo degradação intelectual. E, num povo, esse sentir demonstra que esse povo está ainda em estado infantil de selvageria, porque, diz Cícero, ignorar o sucedido antes de nós é a nossa condenação a sermos crianças eternamente. E de que vale, pergunta a si mesmo Cícero, a vida do homem, se a lembrança dos fatos anteriores não ligar o presente ao passado?<sup>18</sup>

No trecho, Prado faz questão de delimitar com clareza as diferenças entre o culto infértil ao passado, que seria típico da “senilidade queixosa e enfadonha”, e o uso formativo das tradições passadas. Como podemos perceber, o autor cita Cícero, o que é bastante sugestivo para a análise que desenvolvo nesta seção, onde examinamos a presença dos valores conservadores na interlocução letrada estabelecida entre Eduardo Prado, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. Não é nada fortuito que Prado tenha citado Cícero em um discurso proferido

<sup>14</sup> QUEIRÓS, Eça. *Correspondência. Op. cit.*, p. 85.

<sup>15</sup> Maria Amália Vaz de Carvalho foi uma das principais lideranças dos “Vencidos na Vida”, sendo “a organizadora dos encontros que periodicamente reunia a fina flor da intelectualidade portuguesa”. Cf: MEDINA, João. *A Geração de 70... Op. cit.*, p. 31.

<sup>16</sup> CHARTIER, Roger (dir.). *La correspondance... Op. cit.*, p. 13.

<sup>17</sup> ORTIGÃO, Ramalho. *Primeiras prosas. (1859-1867)*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1944, p. 167.

<sup>18</sup> PRADO, Eduardo. *Coletâneas*. São Paulo: Tipografia Salesyana, 1904. 4 vols.

nas dependências de um instituto histórico, pois o orador romano já era, há algum tempo, uma importante referência para os estudos históricos brasileiros.<sup>19</sup> Portanto, ao citar Cícero, Eduardo Prado não está, tão somente, utilizando um artifício de erudição, mas, também, mobilizando uma tradição que é constitutiva de uma concepção de tempo baseada no princípio da continuidade entre passado, presente e futuro.

O historiador alemão Reinhart Koselleck vincula o uso da tradição retórica ciceroniana à “possibilidade ininterrupta de compreensão prévia das possibilidades humanas em um *continuum* de validade geral”.<sup>20</sup> Segundo o autor, essa continuidade cronológica somente seria questionada na modernidade, mais especificamente a partir do século XVIII, quando uma série de eventos, em especial a Revolução Francesa, implodiu a relação de continuidade entre passado, presente e futuro, que até então havia regulado as representações do tempo. Assim, “em um mundo social no qual as alterações se dão com veemência, as dimensões temporais, nas quais até então a experiência se desenvolvera e se acumulara, se deslocam uma da outra”.<sup>21</sup> Para Eduardo Prado, um crítico voraz da Revolução Francesa (1789-1799), à luz de outros importantes nomes do conservadorismo moderno, tais como Edmund Burke (1729-1797) e Alexis de Tocqueville (1805-1859), o cenário cronológico ideal seria aquele no qual passado, presente e futuro se articulam em uma relação de semelhança, o que tornaria inabalável a autoridade da tradição. É justamente a defesa da autoridade da tradição o aspecto mais importante do pensamento conservador, segundo os estudos de Karl Mannheim e Robert Nisbet.

Nas cartas nas quais Eça de Queirós e Ramalho Ortigão destacam o comportamento intelectual conservador de Eduardo Prado, há a sugestão de que foram eles mesmos influenciados por esse conservadorismo. Diz Eça de Queirós que o “amor de Prado pelo passado é mesmo contagiante”; nas palavras de Ramalho Ortigão, “Prado nos entusiasma com o seu amor pelas tradições brasileiras”. Os dois parecem estar dizendo que o convívio com Prado foi importante para que o apego às tradições fosse despertado neles próprios. Outra carta, escrita por Eduardo Prado e endereçada ao seu sobrinho, Paulo, nos ajuda a compreender melhor esta questão.

A cada dia que passa tenho mais estima por todos dos vencidos. As leituras de Camões e Pessoa são encantadoras; hoje os vencidos estão mais maduros, mais portugueses e menos encantados com os francesismos tão estranhos à tradição da nossa nação mãe. Eça de Queirós e Ramalho Ortigão pertence a uma geração portuguesa que, na sua mocidade, se enchia de emoção com a mudança de um ministério, sob o regime do segundo Império, e que, às vezes, não sabia os

<sup>19</sup> Nas últimas décadas, com o fortalecimento do campo dos estudos historiográficos no Brasil, vários autores se debruçaram sobre a historiografia oitocentista, em especial sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Alguns deles apontam à importância da tradição ciceroniana para a nossa historiografia. Cf: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e nação no Brasil (183-1857)*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011; CESAR, Temístocles. *Lições para a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB* In: GONTIJO, Rebeca *et al.* (orgs.). *Estudos de Historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2011. Ambos utilizam a noção de “regime de historicidade” para salientar o lugar fundacional que a cultura histórica da *magistral vitae* ocupou entre os letrados do Instituto.

<sup>20</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Prassado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 43.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 49.

nomes dos homens que em Lisboa estavam governando Portugal. O amor às tradições vem sendo assuntos de constantes conferências que venho tendo com Eça e Ramalho. A cada dia, ele redescobre Portugal, o que faz também com que eu redescubra o Brasil. Estão todos aguardando a volta do belo Paulo. Todos lhe têm grande estima por essas terras.<sup>22</sup>

Trata-se de uma crítica retrospectiva. Para Prado, os jovens coimbrãos se encantaram demasiadamente com as ideias francesas e se esqueceram de valorizar a tradição de sua terra natal. O próprio Eça de Queirós parece reconhecer a importância do amigo brasileiro para o seu reaportuguesamento, em carta escrita em outubro de 1893.

Depois de muitos anos longe de Portugal, meu espírito retorna ao berço materno e lhe devo muito por isso, meu amigo Prado. Já não me encanta mais o barulho de Paris ou o redemoinho de Londres; agora só quero o sossego do Minho e o silêncio do Porto, provas do bem que o aconchego do nosso amado Portugal pode fazer a um homem cansado.<sup>23</sup>

Maria Filomena Mônica, uma das principais biógrafas de Eça de Queirós, aponta uma "guinada antifrancesa na literatura queirosiana", destacando, especialmente, os textos *As cartas de Fradique Mendes* e o romance *Os Maias* como os mais emblemáticos dessa nova situação. Para a autora, a decepção de Eça de Queirós com a França, país que na sua juventude tanto o inspirara, deve-se, sobretudo, "ao sentimento aristocrático que lhe tomou o espírito naquele final de século. Por isso, ele fazia parte daquele grupo que não via solução no sistema da vida burguesa e se via vencido pela massa bruta dos novos ricos e do parlamentarismo desagregador".<sup>24</sup> A historiadora portuguesa não menciona as conferências com Eduardo Prado como um dos elementos responsáveis pelo reaportuguesamento e pela guinada antifrancesa da literatura de Eça de Queirós, destacando quase que exclusivamente o descontentamento do escritor com os desdobramentos do "caso Dreyfus" por tal mudança. Neste artigo, não é a nossa intenção apontar um jogo de influências recíprocas para resolver, de forma simplificada, o problema da interlocução letrada entre Eduardo Prado, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. Por isso, mais do que descobrir as "origens" da guinada antifrancesa de Eça de Queirós, pretende-se mostrar como a interlocução entre o autor português e Eduardo Prado aponta para uma preocupação comum: o impacto da temporalidade moderna nas tradições nacionais.<sup>25</sup>

Em carta escrita para Eduardo Prado em agosto de 1899, pouco antes de morrer, Eça de Queirós se mostra preocupado com a sobrevivência das tradições na temporalidade moderna. Diz o escritor português: "o amigo Prado não imagina como essa locomotiva me

---

<sup>22</sup> Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (doravante IHGB). Coleção Jorge Pacheco Chaves, gaveta 03, doc. 13.

<sup>23</sup> *Idem*.

<sup>24</sup> MÔNICA, Maria Filomena. *Vida e obra... Op. cit.*, p. 37.

<sup>25</sup> A interlocução letrada entre Eduardo Prado e Eça de Queirós foi tão intensa a ponto de suscitar as suspeitas de que o romancista português teria homenageado o amigo brasileiro com seu último romance *As Cidades e as Serras*, que foi publicado, postumamente, em 1901. Ambientado em Portugal, o enredo é baseado na vida do protagonista Jacinto Galião, que é narrada pelo personagem José Fernandes. Mais do que no enredo do livro, estamos interessados em sua circulação. No Brasil, por exemplo, vários críticos leram a obra à luz dos laços de amizade entre Prado e Queirós. Nesse sentido, J. Melo Jorge sugere que os dois estavam preocupados em interpretar o Brasil e Portugal, respectivamente, à luz do conceito ocidental de civilização.

angustia, me faz sentir caminhando nas trevas, é como se não tivéssemos mais origem, se nada fosse essencial".<sup>26</sup> Ao formular a questão nesses termos, Eça de Queirós evoca a mesma imagem da locomotiva para tratar da temporalidade moderna acelerada que Prado havia utilizado em outubro de 1898, na carta que examinamos há pouco. Essa mesma associação entre a locomotiva e o tempo foi feita por Ramalho Ortigão, quando da sua visita ao Brasil. Na ocasião, o escritor português discursou no Rio de Janeiro, na inauguração do Real Gabinete Português de Leitura, em setembro de 1887.

O simples aspecto de sua capital, os seus monumentos, os seus antigos bairros, algumas de suas formas de construção, os seus costumes domésticos, as suas tendências de literatura e de arte, a profunda sensibilidade meiga dos seus poetas, tudo, absolutamente tudo, faz ver obra civilizacional que Portugal fez nos trópicos. É urgente cuidar para que a locomotiva moderna não apague esses grandes feitos da civilização.<sup>27</sup>

O tema voltaria a aparecer na correspondência pessoal de Eduardo Prado alguns anos depois, no início de 1901, logo após a festa de *réveillon* que ele organizou no seu apartamento, em Paris. O destinatário da carta era, exatamente, Ramalho Ortigão. A essa altura, Eça de Queirós já era morto.

Foi, portanto, entre raios e trovões que apontou em Paris o século XX. Funesto agouro? Corri à janela para ver o céu. Dentro do salão fechado e com as cortinas cerradas não demos pela tempestade [...] Sobre o horizonte dos jardins das Tulherias havia já uma grande mancha de céu limpo e estrelado. As luzes do jardim do Louvre, acesas noutra século, tentavam brilhar neste, tentavam sem êxito, este século, tal como aquele que passou, teima em vagar em suspenso, no completo vazio.<sup>28</sup>

Temos aqui, portanto, uma angústia comum às reflexões desenvolvidas pelos três autores examinados neste artigo: a preocupação de que a temporalidade moderna estaria agindo como uma força destrutiva sobre as tradições nacionais. Essa mesma preocupação pode ser encontrada nos textos de Alexis de Tocqueville (1805-1859), aquele que, segundo os estudos de Karl Mannheim e Robert Nisbet, é um dos fundadores do pensamento político conservador.<sup>29</sup>

<sup>26</sup> IHGB. Coleção Jorge Pacheco Chaves, gaveta 03, doc. 13 e doc. 15, respectivamente.

<sup>27</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, set. 1887.

<sup>28</sup> Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Coleção Spencer Vampré, pasta 09, doc. 32.

<sup>29</sup> O pensamento conservador moderno foi objeto de importantes estudos, entre os quais destaco: MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1986; NISBET, Robert. *O conservadorismo*. Lisboa: Estampa, 1987; COUTINHO, João Pereira. *As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários*. São Paulo: Três estrelas, 2014. Cada um a seu modo, esses autores trataram, sobretudo, dos escritos de Edmund Burke, Alexis Tocqueville e François-René Chateaubriand, considerados os fundadores da "ideologia conservadora", para utilizar as palavras de Karl Mannheim. Para Nisbet, Mannheim e Coutinho, as principais características do conservadorismo são a crítica ao ritmo acelerado da temporalidade moderna, o empenho em proteger as tradições nacionais e a recusa do horizonte utópico proposto pelas filosofias progressistas da história. Sobre os desdobramentos do conservadorismo no Brasil: MERCADANTE, Paulo. *A consciência conservadora no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980; VILLAÇA, Antônio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975; JASMIN, Marcelo. *Alexis de Tocqueville: A historiografia como ciência política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG/IUPERJ, 2014; ALONSO, Ângela. *Arrivistas e decadentes... Op. cit.*; LYNCH, Christian E. C. Quando o regresso é progresso: a formação do pensamento conservador saquarema e de seu modelo político (1834-1851). In: NUNES, Gabriela & BOTELHO, André. *Revisão do pensamento conservador: ideias e política no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2010; OLIVEIRA, Rodrigo Perez. *O conservadorismo de Eduardo... Op. cit.*

Embora a revolução que se opera no estado social, nas leis, nas ideias, nos sentimentos dos homens esteja bem longe de terminar, já não se poderia comparar suas obras com nada do que foi visto anteriormente no mundo. Remonto de século em século até a Antiguidade mais remota: não percebo nada que se pareça com o que está diante dos meus olhos. Como o passado não ilumina mais o futuro, o espírito caminha em meio às trevas.<sup>30</sup>

No trecho, Toqueville associa a modernidade ao colapso das tradições, em um diagnóstico que aponta para um futuro sombrio, na medida em que a tradição já não mais tem a capacidade de guiar os passos do “espírito humano” na história. Argumentação semelhante pode ser encontrada na obra de Edmund Burke: “quem nunca olhou para trás, para os seus antepassados, nunca olhará para a frente, para a posteridade”.<sup>31</sup> E, também, nos escritos de François-René Chateaubriand, que disse ser “grande demais a distância que separa, a partir de então, os Antigos e os Modernos. Não se pode mais, com a tocha das revoluções passadas na mão, entrar na noite das revoluções futuras”.<sup>32</sup> Estamos diante, portanto, de uma formulação comum aos escritores conservadores: “eles valorizam as tradições, pois estas, justamente, sobrevivem aos testes do tempo”.<sup>33</sup>

Os argumentos conservadores não são nada periféricos nos textos que Eduardo Prado, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós escreveram no final do século XIX. Eduardo Prado, por exemplo, no calor das suas críticas aos primeiros governos da República brasileira, disse que

A ditadura republicana que, nos primeiros dias do seu triunfo, exerceu verdadeiros atos de garotagem e de vandalismo, destruindo monumentos públicos, arrancando escudos, removendo retratos e quebrando coroas, mudou o nome do colégio D. Pedro II para Instituto Nacional de Instrução Secundária. O sr Quintino Bocaiúva, dias depois de sua instalação no poder, mandou por um aviso arrancar de um velho chafariz do tempo da colônia a coroa real de Portugal. Da mesma forma como fizera a barbárie jacobina, os republicanos brasileiros pretendem recomeçar a história a partir do zero.<sup>34</sup>

Na pena de Eduardo Prado, um dos mais contundentes críticos da ditadura militar que consolidou a República no Brasil, a República representaria para o Brasil aquilo que a Revolução Francesa representou para a civilização ocidental como um todo: a total aniquilação da tradição por um projeto político/filosófico que, nas suas utopias futurísticas, pretendia apagar o passado e violar as tradições legadas pelos antigos. Para Prado, portanto, era fundamental defender a tradição e o estudo do passado, o que significava, em alguma medida, defender a Monarquia e a herança da civilização católica nos trópicos. Por isso, talvez, o seu catolicismo tenha aflorado, especialmente, nos anos 1890, quando ele se envolveu diretamente com a defesa das tradições católicas da nacionalidade brasileira,<sup>35</sup> o que o fez criticar diretamente o Estado laico republicano, que foi instituído pela constituição de 1891.

<sup>30</sup> TOCQUEVILLE, Alexis. *A democracia na América*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 399.

<sup>31</sup> BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: EDIPRO, 2014, p. 13.

<sup>32</sup> CHATEAUBRIAND, René. *Études historiques. Oeuvres complètes de Chateaubriand*. Paris: Garnier, T.IX, 1861, p. 321.

<sup>33</sup> COUTINHO, João Pereira. *As ideias conservadoras explicadas... Op. cit.*, p. 57.

<sup>34</sup> PRADO, Eduardo. *Fastos da Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 19.

<sup>35</sup> Ângela Alonso é autora de um estudo que abordou a atuação dos intelectuais monarquistas nos primeiros anos da República. Para ela, esses intelectuais organizaram, sob a liderança de Eduardo Prado, as “Conferências Anchiétanas”, em 1896, onde tentaram “resgatar a tradição imperial, representando o regime deposto como o ápice da civilização.” *Op. cit.*, p.85. Ainda que não tenha examinado de forma

Mas o governo provisório não diz qual igreja fica separada do Estado. Será talvez a igreja católica, mas não é com certeza a igreja positivista que é a religião do governo, apesar de dizer talvez o Marechal Deodoro que, mistério por mistério, entende tanto o da Santíssima Trindade como o da filosofia de Augusto Comte.<sup>36</sup>

Críticas muito semelhantes às de Eduardo Prado foram feitas por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, que desconfiavam tanto do movimento republicano português como das “promessas libertárias da democracia moderna”, nas palavras de Ramalho Ortigão. Segundo João Medina, Eça de Queirós desconfiava dos republicanos positivistas portugueses. Em carta enviada para Ramalho Ortigão em 1878, o autor de *Os Maias* escreve que “a república, em verdade, feita pelos partidos constitucionais dissidentes, e refeita depois pelos partidos jacobinos, que tendo vivido fora do poder e do seu maquinismo, a tomam como uma carreira, seria em Portugal uma balbúrdia sanguinolenta”.<sup>37</sup> Se Ramalho Ortigão respondeu as críticas feitas pelo seu amigo português, a carta não foi inserida nas diversas coletâneas que ao longo do século XX reuniram parte das correspondências dos dois autores. No entanto, ao examinar com algum cuidado os textos das “Cartas Portuguesas”,<sup>38</sup> coluna que Ramalho Ortigão escreveu para o jornal brasileiro *Gazeta de Notícias* entre 1877 e 1915, acreditamos ser possível sugerir que Ortigão compartilhava das desconfianças políticas de Eça de Queirós. Na carta publicada em 19 de fevereiro de 1883, Ramalho Ortigão comentou a atuação de Manuel Arriaga na Câmara portuguesa. Após ironizar os equívocos ortográficos do parlamentar eleito pelo distrito de Funchal, o autor critica a instituição eleições gerais

Na grande maioria dos círculos eleitorais do país, continentes e ilhas, todo eleitor que não vende e simplesmente e chãmente o seu voto por dinheiro, vende-o por serviços, por bondades e por favores pessoais ao pároco, ao escrivão da fazenda que cobra a décima ou ao agente de recrutamento, que manda prender como soldado. [...] Os republicanos portugueses prometem construir um mundo novo, da mesma forma como prometeram os jacobinos francesa. Na França, o mundo novo nasceu batizado com sangue.<sup>39</sup>

O texto demonstra a descrença de Ramalho Ortigão com a capacidade do regime democrático em resolver os problemas sociais. Para ele, o eleitor ia às urnas motivado por

---

específica os escritos historiográficos de Eduardo Prado, Ângela Alonso insere o nosso autor nesse esforço de sutil desqualificação dos argumentos mobilizados pela elite intelectual republicana. Para autora, portanto, o catolicismo serviu como arsenal discursivo nas críticas monarquistas à *intelligentsia* republicana. *Idem*.

<sup>36</sup> PRADO, Eduardo. *Fastos da Ditadura... Op. cit.*, p. 19.

<sup>37</sup> *Obras completas*. Edição do Centenário. Porto: Lello & Irmãos, 1947, p. 43.

<sup>38</sup> *Op. cit.*, p. 19. “Cartas Portuguesas” era o título da coluna assinada por Ramalho Ortigão e publicada no jornal carioca *Gazeta de Notícias* entre 1877 e 1915. Elas foram publicadas sob a forma de folhetins e fizeram muito sucesso no Brasil, o que tornou Ramalho Ortigão uma espécie de celebridade oitocentista. De acordo com o crítico brasileiro João Carlos Zan, “De maneira geral, todos os campos do conhecimento interessavam a Ramalho Ortigão, notadamente aqueles que mais diretamente estivessem relacionados com o ser humano. Sobre todos, porém, procurava se informar para levar as informações adquiridas ao conhecimento do leitor. Ia dos costumes sociais, das questões religiosas, dos aspectos da instrução à adubação química ou à doença da videira e, mesmo não sendo especialista, procurava embasar a sua argumentação em fontes fidedignas, selecionadas por eles ou sugeridas por outros.” ZAN, João Carlos. *Ramalho Ortigão e o Brasil*. 2009. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, p. 16.

<sup>39</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 fev. 1883.

interesses pessoais e imediatos e não por uma ideologia comprometida com a coletividade.<sup>40</sup> Por outro lado, da mesma maneira como fizeram Edmund Burke, Alexis de Tocqueville e François-René Chateaubriand,<sup>41</sup> o autor parece desconfiar da utopia progressista que na Revolução Francesa projetou para o futuro a consolidação de uma ordem social completamente nova e pretensamente superior. Como podemos perceber, portanto, ao longo dos anos 1870 e 1880, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós fizeram críticas ao republicanismo português muito semelhantes àquelas que Eduardo Prado dirigiria dez anos mais tarde à República brasileira. Essas críticas estavam fundamentas, sobretudo, na premissa conservadora de que a temporalidade moderna, com suas utopias filosóficas, projetava um mundo novo no qual não haveria espaço para as tradições consolidadas lentamente ao longo dos séculos. Ao apontar essa semelhança, contudo, não estamos querendo dizer que Eduardo Prado foi simplesmente influenciado pelos seus amigos portugueses. A noção de “influência” daria à nossa análise uma dimensão que não nos agrada. Preferimos falar em “afinidades eletivas”, para utilizar uma noção cara a Michel Löwi, para quem a interlocução letrada não deve ser pensada a partir da ideia de “troca de influências”, pois o termo simplificaria uma experiência formativa que é muito mais complexa. Por isso, “afinidades eletivas”, que, mais do que a noção de “influência”, “implica uma relação bem mais ativa recíproca, e seletiva, que pode chegar à fusão”.<sup>42</sup>

As afinidades eletivas entre Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Eduardo Prado podem ser percebidas também no tratamento que os autores deram ao tema do engajamento social e político do homem das letras, o que sugere certo trânsito pelo repertório da tradição republicana. É esse o objeto que analisamos na próxima seção.

## O engajamento social e político do homem das letras

*Muito importante são “As Cartas Portuguesas” para o Brasil; em um país onde as letras são tão pouco cultivadas e o analfabetismo impera, o nosso amigo Ramalho contribui para a elevação geral do espírito*

<sup>40</sup> Para João Carlos Zan, as críticas de Ramalho Ortigão à democracia não são uma novidade das “Cartas Portuguesas”, mas sim uma característica do autor desde a década de 1860, quando ele trabalhava em Lisboa como correspondente do jornal *O Progresso do Porto*. ZAN, João Carlos. *Ramalho Ortigão e... Op. cit.*, p. 73.

<sup>41</sup> Para Karl Mannheim, Robert Nisbet e João Pereira Coutinho, autores que, como já comentamos antes, examinaram os escritos de Burke, Tocqueville e Chateaubriand, nos quais a reação à Revolução Francesa é o ponto de partida do conservadorismo moderno. Para Mannheim, “a mentalidade conservadora deu origem a uma contralógica elaborada à base dos fatores intelectuais ameaçados pela vitória do racionalismo burguês, sendo um pensamento eclético que jamais fechou um sistema doutrinário, tendo bebido em diversas fontes da tradição ocidental.” *Op. cit.*, p.65. Também, Robert Nisbet argumenta que “ao negar a liberdade individual propagada pelos revolucionários, os conservadores dos séculos XVIII e XIX se assentaram em uma noção de liberdade oriunda da antiguidade, mais preocupada com o corpo político do que com os indivíduos.” *Op. cit.*, p. 45. A análise desenvolvida por João Pereira Coutinho é semelhante: “A Revolução Francesa permitiu que o conservadorismo se autonomizasse como uma resposta antirrevolucionária, como uma reação à noção de liberdade propagada pelos revolucionários, o que pode ser percebido nos primeiros textos de Burke, Tocqueville e Chateaubriand.” *Op. cit.*, p. 10.

<sup>42</sup> LÖWY, Michel. *Redenção e Utopia: O Judaísmo Libertário na Europa Central (Um Estudo de Afinidade Eletiva)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 75.

*nacional, mostrando-se uma inteligência comprometida com o progresso inerente ao nosso século.*<sup>43</sup>

A carta foi escrita por Eduardo Prado e endereçada a Eça de Queirós em 1888. No texto, Prado está elogiando Ramalho Ortigão por, através das suas “Cartas Portuguesas”, contribuir para a “elevação do espírito nacional brasileiro”. Temos, aqui, outro elemento comum aos três autores: a mesma concepção de “função social” da inteligência e a valorização do engajamento social e político do homem das letras. O que sugere que, para além dos valores conservadores, eles também estavam sensibilizados pela tradição republicana, principalmente naquilo que se refere ao princípio da vida pública ativa, da *vita activa*, para utilizar o termo proposto por Hannah Arendt. Um breve panorama na tradição republicana clássica nos ajuda a compreender melhor o campo semântico pelo qual os autores circularam nos seus esforços de definir o engajamento social e político como uma obrigação do “homem devotado ao cultivo do espírito”, como costumava falar Eduardo Prado.

E, assim como as leis antepõem a saúde de todos a de cada um, assim o varão bom, sábio e obediente às leis, e não ignorante do dever civil, atenta mais à utilidade de todos que a de um só ou à sua própria [...] É digno de nota aquele que se lança à morte pela República, dando-nos testemunho de que devemos amar mais a pátria do que a nós mesmos.<sup>44</sup>

O mesmo Cícero que vimos Eduardo Prado citando há pouco, no seu empenho em defender as tradições nacionais da volúpia da temporalidade moderna, é um dos principais representantes da tradição republicana, que tem no princípio da vida pública ativa o seu valor mais importante. De acordo com os estudos de Newton Bignotto, a filosofia política de Cícero “tem o objetivo de nortear o comportamento ideal do homem público na República”.<sup>45</sup> Portanto, o autor acredita que o pensamento político do orador romano se relaciona de forma ambígua com a herança grega.

A visão política de Platão e Aristóteles está atrelada à *polis* e sua filosofia política é inteiramente dedicada a ideias e problemas desse tipo de organização política. Mas a *polis* deu lugar a grandes Impérios e os ideais políticos da comunidade urbana centralizadas tiveram de ser reconstituídos para adequar-se à ideia de uma comunidade universal, ao mesmo tempo, humana e ampla. Tornou-se necessário aos romanos pensar em um novo modo de agir que se adequasse a um novo espaço e tempos políticos.<sup>46</sup>

Para Bignotto, o pensamento político ciceroniano pode ser lido, ao mesmo tempo, como um herdeiro do estoicismo e um crítico do epicurismo. Como para o estoicismo a natureza é uma razão ordenadora superior que permite, através da linguagem, o vínculo político entre os homens, que são definidos como naturalmente predispostos à vida política, há ao longo da obra de Cícero o enaltecimento do envolvimento do “varão” com os assuntos públicos, o que é definido pelo filósofo romano como um comportamento virtuoso. Ao negar o epicurismo, que

<sup>43</sup> QUEIRÓS, Eça. *Correspondência. Op. cit.*, p. 42.

<sup>44</sup> CÍCERO. *Do sumo bem e do sumo mal*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 11.

<sup>45</sup> BIGNOTTO, Newton. *As origens do republicanismo moderno*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011, p. 32.

<sup>46</sup> *Idem*.

defendia o afastamento do sábio dos assuntos relacionados à vida política, Cícero se mostrou um defensor do princípio da vida pública ativa, que já tinha sido formulado pelos gregos, e que posteriormente veio a se tornar a premissa do pensamento político republicano, podendo ser encontrada nos escritos de pensadores modernos como Maquiavel, Montesquieu e de intelectuais como Hannah Arendt. É exatamente o comprometimento com a vida pública ativa um dos principais valores compartilhados por Eduardo Prado, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. Vejamos como os autores trataram desse tema.

O crítico brasileiro João Carlos Zan, autor de um estudo supracitado sobre os textos que Ramalho Ortigão escreveu para o jornal *Gazeta de Notícias*, afirma que as “Cartas Portuguesas” podem ser consideradas pertencentes ao gênero literatura de viagem, o que não passou despercebido por Eduardo Prado, que publicou na mesma *Gazeta de Notícias* os seus próprios relatos de viagens.<sup>47</sup> Em uma carta que deveria ter sido enviada em fevereiro de 1882 (e por algum motivo não foi), Prado faz uma referência clara à coluna de Ramalho Ortigão. O nome do destinatário não está identificado no texto, mas tudo levar a crer que era o editor do jornal carioca. Diz o autor: “As primeiras cartas serão sobre os vizinhos hispânicos; acho por bem manter o mesmo formato epistolar que já foi consagrado por Ramalho e é tão familiar aos leitores da gazeta”.<sup>48</sup> Parece que a carta seria a última de uma série de correspondências destinadas a acertar os últimos detalhes do contrato de trabalho que o Eduardo Prado firmaria com o periódico. Infelizmente, não encontramos as correspondências anteriores.

A referência que Prado faz às “Cartas Portuguesas” de Ramalho Ortigão é breve e sem maiores desdobramentos, mas confirma que ele era leitor desses textos, chegando mesmo a organizar os seus relatos de viagem de forma semelhante àquela que foi posta em prática pelo escritor português. De fato, a semelhança entre as duas literaturas de viagem chegou às páginas do jornal carioca, sendo, inclusive, destacadas no editorial do periódico na ocasião da estreia da coluna de Eduardo Prado: “Iniciamos hoje os relatos de viagens do jovem bacharel Eduardo Prado, que nos brindará com as suas impressões da mesma forma que o já consagrado Ramalho Ortigão faz há muitos anos”.<sup>49</sup> O jovem bacharel em direito e o consagrado escritor português se encontraram nas páginas do mesmo jornal, no qual visitaram o mesmo gênero textual. Não encontramos nenhum documento que sugerisse as impressões de Ramalho Ortigão a respeito dos textos de Eduardo Prado. Também não fica claro na documentação se já nessa época os dois autores tinham algum tipo de interlocução. O importante para o nosso argumento é que Prado, desde o final dos anos 1870, elogiava o esforço de Ramalho Ortigão em usar as letras como forma de intervenção na sociedade. Esses

---

<sup>47</sup> Em 1902, um ano após a morte de Eduardo Prado, a Tipografia Salesiana publicou o livro *Viagens*, reunindo os textos do autor que haviam sido publicados na *Gazeta de Notícias* entre 1882 e 1886. Segundo Rodrigo Perez Oliveira, os escritos de *Viagens* “mostram como o autor tratou temas que viriam a ser centrais nos seus textos mais conhecidos, ou seja, aqueles que foram escritos na década de 1890, quando Prado confrontou diretamente as instituições republicanas.” *Op. cit.*, p. 79. Oliveira destaca, também, que de toda a extensão da bibliografia eduardiana, o livro em questão é um dos menos explorados pela crítica especializada.

<sup>48</sup> IHGB. Coleção Jorge Pacheco Chaves, gaveta 03, doc. 07.

<sup>49</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 mar. 1882.

elogios ficam ainda mais claros quando dedicamos alguma atenção ao contato de Eduardo Prado com a revista *As Farpas*.

As “conferências do cassino” não foram o único desdobramento da “questão coimbrã”. No mesmo ano de 1871 surgia a revista *As Farpas*, que foi fruto do empreendimento comum de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós. Em maio, vinha a público o primeiro número da revista, que circulou até 1882. Rapidamente, o periódico português ganhou grande repercussão e foi, em parte, responsável pela fama de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão no Brasil.<sup>50</sup> Os textos publicados em *As Farpas* suscitavam enorme discussão deste lado do Atlântico, tanto que, em 1880, um jovem cronista paulista dizia que “chegou ontem em São Paulo uma nova edição da revista portuguesa ‘As Farpas’, que é dirigida pelo sr Ramalho Ortigão. A revista traz nas suas páginas os mais ácidos e críticos comentários dos costumes lusitanos. A leitura da revista muito inspira a mocidade paulista.”<sup>51</sup>

O cronista, evidentemente, é Eduardo Prado, que na época cursava o quarto ano da faculdade de direito. A breve menção que o autor faz à revista portuguesa aparece um tanto descontextualizada nas “Crônicas da Assembleia”, coluna que ele escrevia semanalmente para o jornal *Correio Paulistano*,<sup>52</sup> na época o principal veículo do Partido Conservador paulista. Por esses tempos, Eça de Queirós não estava mais na direção da revista e, por isso, não foi citado por Eduardo Prado.<sup>53</sup> O autor não chegou a comentar nenhum dos textos, mas parece que ele era leitor do periódico, que possuía um perfil editorial bem parecido com aquele que caracterizaria o jornal estudantil *A Comédia*,<sup>54</sup> que circulou em 1881 e tinha Eduardo Prado como um dos seus editores.

---

<sup>50</sup> Observando a circulação do periódico português *As Farpas* no Brasil, Paulo Cavalcanti afirma que provocou grande repercussão no meio acadêmico brasileiro, principalmente entre os estudantes de direito das faculdades de São Paulo e do Recife. O estilo satírico que caracterizou a publicação dirigida por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão inspirava os jovens acadêmicos, que não tardaram em criar periódicos com proposta semelhante.” CAVALCANTI, Paulo. *Eça de Queirós agitador no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1966, p.34.

<sup>51</sup> *Correio Paulistano*, São Paulo, 30 nov. 1880.

<sup>52</sup> Segundo Lillia Schwarz, a história do *Correio Paulistano* é emblemática no cenário político/partidário da Monarquia brasileira, que durante a maior parte de sua existência foi marcado pelos conflitos entre o Partido Liberal e Partido Conservador. O referido periódico foi fundado em 1854 por Roberto Azevedo Marques, com o compromisso inicial de manter independência em relação aos grandes partidos políticos. Apesar da promessa de neutralidade, o *Correio Paulistano* não ficou indiferente às disputas protagonizadas por conservadores, liberais e republicanos, características das últimas décadas de vida da Monarquia brasileira. Durante seus primeiros vinte anos de existência, foi claramente republicano. Esta posição se alterou após janeiro de 1875, quando passou a ser controlado pelo Partido Liberal. O fato que gerou a insatisfação de alguns republicanos que, tais como Prudente de Moraes e Campos Salles, fundaram o jornal *Província de São Paulo*, que se tornou a principal rival do *Correio*. No dia 04 de dezembro de 1877 aconteceu mais uma mudança no perfil político-editorial do jornal, que repentina e bruscamente, passou às fileiras conservadoras. Cf: SCHWARZ, Lillia. *Retrato em Branco e Negro*: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>53</sup> De acordo com Matos, a principal motivação para o desligamento de Eça de Queiroz de *As Farpas* foi a sua nomeação para o cargo de embaixador português em Havana. Segundo o autor, não há indícios de que existissem problemas de relacionamento entre os dois escritores. Cf: MATOS, A. Campos. *Eça de Queiroz... Op. cit.*

<sup>54</sup> *A Comédia* foi formado por jovens escritores, como Raul Pompeia, Afonso Celso e Assis Brasil, entre outros. Nas palavras de Brito Broca, “uma espécie de laboratório para escritores que teriam destaque na vida literária brasileira do final do século XIX.” BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil*. São Paulo: José Olímpio, 1966. Com uma tiragem pequena, circulou por apenas um ano, sendo Eduardo Prado, que em uma referência direta ao Partido Conservador inglês assinava seus textos com o pseudônimo *Tory*, um dos seus redatores e escritores mais participativos.

Nasce hoje 'As Farpas' sem que saibamos ao certo se cedo perecerá ou se terá a oportunidade de viver a maturidade. Sem ter arranjos políticos, "As Farpas" vieram apenas para fazer galhofa de nós mesmos. Fazer rir é o mais nobre objetivo da revista que ora apresentamos ao público.<sup>55</sup>

Sem ter cor política definida, a 'Comédia' pretende fazer do riso a mais violenta arma. Tem-se dito que São Paulo anda muito acabrunhado e quase não sorri. Nós mostraremos que ao menos a mocidade da acadêmica ainda consegue rir e fazer rir.<sup>56</sup>

Nenhum dos dois textos está assinado, sendo a autoria remetida à Direção, no caso de *As Farpas*, e ao Corpo Editorial, no de *A Comédia*. Não encontramos nas páginas do jornal brasileiro nenhuma referência ao periódico português, mas ainda assim as semelhanças parecem evidentes. Segundo Brito Broca, foi enorme a repercussão da *As Farpas* na Faculdade de Direito de São Paulo, no final dos anos 1870, onde "os estudantes fundaram dezenas de jornais ao longo do século XIX, tendo destaque o pasquim satírico *A Comédia*, que foi claramente inspirado na revista portuguesa".<sup>57</sup> Mais de uma década depois do fim dos seus estudos acadêmicos, Prado voltou a destacar o esforço de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós em fazer das letras um flanco para o "combate social".

Eça de Queirós foi o que foram os seus contemporâneos; mas, apenas saído da educação oficial, olhou com interessa à roda de si, olhou para o Estado que o criara bacharel, e, mais exigente que este criador, otimista por função, declarou que a obra não prestava e que o tal criador, ele mesmo, nada valia. Disse-lhe algumas verdades, mas não se encheu de ódio, nem de tremendas indignações. Riu largamente e fez rir todo o país, junto com o igualmente combativo Ramalho Ortigão, na sua extraordinária colaboração nas *Farpas*, em que Guerra Junqueiro disse haver a epilepsia do talento. As gargalhadas, porém, ainda as melhores, acabam tomando posição como escritor, preparou-se para desempenhar a parte de dever social que lhe competia pela fatalidade brilhante da sua organização e que, mais tarde, realizou: a de ser escritor perfeito e capaz de denunciar o colapso da sua pátria.<sup>58</sup>

Essa citação pode ser encontrada no artigo "Eça de Queirós", escrito por Eduardo Prado e publicado na edição de maio de 1897 da *Revista Moderna*.<sup>59</sup> No trecho, Prado não chega a utilizar o termo "engajamento", mas é algo parecido com isso que ele está definindo como o comportamento ideal do homem das letras. Portanto, segundo Eduardo Prado, o escritor teria a obrigação de colaborar para o progresso do seu país, acusando o "colapso" da sua terra natal. Era isso que ele acreditava estar fazendo quando saiu em ataque à República brasileira.

<sup>55</sup> *As Farpas*, Lisboa, 27 jul. 1871.

<sup>56</sup> *A Comédia*, São Paulo, 04 mar. 1881.

<sup>57</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no... Op. cit.*, p. 49.

<sup>58</sup> *Revista Moderna*, Lisboa, maio 1897.

<sup>59</sup> *A Revista Moderna* que foi um periódico de variedades que circulou em Portugal no final do século XIX. Sob a direção do escritor brasileiro Martinho Carlos Arruda Botelho, a publicação se tornou terreno comum para a intelectualidade luso-brasileira. A. Matos diz que a sede da *Revista Moderna* foi um dos pontos prediletos de encontro dos "Vencidos na Vida" ao longo da década de 1890. MATOS, A. Campos. *Eça de Queiroz... Op. cit.* De fato, Eça de Queirós foi um dos grandes entusiastas da *Revista*. No número de lançamento, que veio a público em maio de 1897, o escritor português escreveu "Aparecendo neste meado de maio, com as flores de maio sem ruído na ponta ligeira das suas paginas bem ornadas, tão silenciosamente como as próprias rosas de maio, ela tem por programa dar notícias e dar imagens". O entusiasmo se manteve ao longo da curta vida da revista, que circulou até novembro de 1898, o que justifica o número especial dedicado ao romancista português. Eduardo Prado foi um dos escolhidos para homenagear Eça de Queirós, sendo ele o autor do maior artigo daquela edição, um texto sugestivamente intitulado "Passado - Presente".

<sup>60</sup> Ao elogiar Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, Prado estava falando do tipo de escritor que ele achava ser o ideal. Não o letrado diletante, mas sim o combativo, aquele que usa as letras para defender a sua pátria. Em carta enviada à esposa em abril de 1890, o próprio Eça de Queirós reconhece a combatividade como uma das principais características de Eduardo Prado.

Prado teima em voltar ao Brasil mesmo sabendo que os artigos dos *Fastos* provocaram a ira dos governantes da ditadura. Já tentei dissuadi-lo de todas as formas, mas ele insiste em se arriscar, como se isso fosse ajudar na reconstrução do Brasil. Já desisti; ele não ouve argumentos e está convicto de que estar na linha de combate é a principal obrigação do literato.<sup>61</sup>

Eça de Queirós não destacou o “espírito combativo” de Eduardo Prado apenas nas suas correspondências. O texto de apresentação do primeiro dos quatro volumes das *Coletâneas*, que em 1904 reuniram os escritos de Eduardo Prado, é assinado pelo escritor português. Esse texto foi publicado originalmente em 1900, no livro *A correspondência de Fradique Mendes*. Vejamos como Eça de Queirós analisou a extensa produção do seu amigo brasileiro.

Eduardo Prado sempre toma a pena num momento de pressa social, ou moral, como se agarra uma espada que rechaça ou conduz. Todos os seus livros políticos são, pois, panfletos, ainda que não se componham de uma folha ou folha e meia de papel repleta de veneno. Prado concebeu todos os seus livros em um momento de urgência.<sup>62</sup>

Diz Eça de Queiros que para Eduardo Prado a “pena é uma arma” que o escritor brasileiro estava sempre disposto a utilizar, principalmente para defender as “tradições passadas, que Prado tanto ama”. A mesma metáfora bélica foi utilizada por Ramalho Ortigão, em 1887, na ocasião de sua visita ao Brasil. Depois de passar alguns dias no Rio de Janeiro, o escritor português foi a São Paulo, onde se instalou na casa de Veridiana Prado (1825-1910), mãe de Eduardo. Em carta enviada ao filho da anfitriã, Ramalho Ortigão se mostra impressionado com “a vitalidade dessa simpática senhora, que com sua disposição à discussão mostra bem de onde o amigo tirou a volúpia com a qual transforma a prosa em arma de combate”. Além de ter se mostrado muito impressionado com a vitalidade e simpatia de Veridiana Prado, Ramalho Ortigão destaca o engajamento intelectual de Eduardo Prado. No final da carta, o português diz que “tal como o amigo, não me contento com a sossego do gabinete; às favas o gabinete. O calor da vida é o que busco”.<sup>63</sup>

A negar o “sossego do gabinete”, Ramalho Ortigão tocou em um dos pontos mais caros à tradição republicana: a *askholia* (ocupação, desassossego), termo com o qual Aristóteles

---

<sup>60</sup> O tema do engajamento político e social do escritor é um dos mais recorrentes na filosofia moderna. Por exemplo, Voltaire, que foi um dos filósofos mais atacados por Eduardo Prado, dedicou sua obra ao projeto de reformular os costumes da sociedade de modo a promover a felicidade individual e coletiva. Segundo René Pomeau, um dos mais célebres intérpretes da obra de Voltaire, “O fio condutor que permite encontrar os laços que unem a obra de Voltaire é a finalidade última atribuída por ele à noção de filosofia, a saber: o combate pelo uso esclarecido e livre da razão e, assim, pelo aperfeiçoamento dos costumes e pela consequente felicidade dos homens – pelo bem estar individual e coletivo – que esses costumes, orientados pela razão, podem, na medida em que condição humana os permite, possibilitar.” POMEAU, René. *A religião de Voltaire*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 15.

<sup>61</sup> QUEIRÓS, Eça de. *Correspondência*. *Op. cit.*, p.140.

<sup>62</sup> QUEIRÓS, Eça. In: PRADO, Eduardo. *Coletâneas*. *Op. cit.*

<sup>63</sup> IHGB. Coleção Jorge Pacheco Chaves, gaveta 03, doc. 10.

designava toda a ação pública do cidadão. Hannah Arendt chamou de *vita activa* esse comprometimento do homem com os interesses públicos. A autora, especialmente no livro *A Condição Humana* e na conferência "Trabalho, obra e ação", se debruçou sobre o tema, argumentando que:

A expressão *vita activa* é perpassada e sobrecarregada de tradição. É tão velha quanto a nossa tradição de pensamento político, mas não mais velha que ela. E essa tradição, longe de abranger e conceitualizar todas as experiências políticas da humanidade ocidental, é produto de uma constelação histórica específica: o julgamento de Sócrates e o conflito entre o filósofo e a *polis*.<sup>64</sup>

Acredito que, de alguma forma, ao investir tanta energia na defesa do envolvimento do homem das letras nos assuntos públicos, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Eduardo Prado, a exemplo de outros autores do final do século XIX,<sup>65</sup> estavam mobilizando o repertório da tradição republicana. Diante da percepção de uma crise geral das tradições na modernidade, os escritores que examinamos neste artigo se definiram como soldados das letras, que com a pena em punho estavam dispostos a intervir pedagogicamente, colaborando para a solução dos dilemas do seu tempo.

## Conclusão

O filósofo húngaro Max Nordau (1849-1923), nos livros *Degeneração* e *Mentiras convencionais de nossa civilização*, publicados respectivamente em 1899 e 1902, foi um dos primeiros autores a utilizar o termo *fin-de-siècle* para designar o niilismo característico do pensamento filosófico ocidental nos últimos anos do XIX. Para ele, o otimismo racional e científico característico do século XVIII começou a dar os seus primeiros sinais de cansaço nesse período, levando à decomposição dos grandes cânones racionalistas. Como Nordau era um crítico do relativismo finissecular, saiu em defesa da tradição racionalista. Também podemos encontrar o diagnóstico desta crise geral nos textos de Friedrich Nietzsche (1844-1900), especialmente no livro *A Genealogia da Moral*, de 1887.

Nada foi comprado tão caro como o pouco de razão humana e sentimento de liberdade que agora constitui nosso orgulho. A híbris do homem moderno pode até levá-lo a interpretar equivocadamente pretensas conquistas culturais – democracia, anarquismo, socialismo – como um progresso. Não percebe, porém, que o que chama de um "avanço", um "progresso", deve ser considerado como sintoma regressivo, um retrocesso, sinais de uma vida que declina.<sup>66</sup>

Certamente, não vamos encontrar nos escritos de Nietzsche o mesmo esforço pelo restabelecimento da tradição racionalista empreendido por Nordau. No entanto, ambos os autores apontam para o esgotamento das filosofias da história que nos séculos XVIII e XIX

<sup>64</sup> ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 20.

<sup>65</sup> O tema da atuação política do escritor era um dos principais pontos de contenda na cena intelectual brasileira no final do século XIX, tendo sido motivo de polêmicas literárias e de ampla discussão nos salões da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

<sup>66</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *A Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 53.

definiram o progresso como o *télos* do processo histórico. Segundo Ernst Cassirer (1992), Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat, o Marquês de Condorcet (1743-1794), foi o primeiro a dar contornos mais sólidos a essas filosofias progressistas da história, quando, em 1772, no seu livro *Ensaio de um quadro histórico do espírito humano*, escreveu que

A história desde a época em que a escrita alfabética foi conhecida na Grécia até ao estado atual da espécie humana nos países esclarecidos da Europa, é ligada por uma série ininterrupta de fatos e de observações; e o quadro da marcha e dos progressos do espírito humano tornou-se verdadeiramente histórico.<sup>67</sup>

É, exatamente, o esgotamento desta crença no progresso inexorável da civilização, da qual nos fala Condorcet, que Nietzsche e Nordau, cada um a seu modo, identificam. É certo que mesmo no século XVIII, de acordo com os estudos de Friedrich Meinecke, as filosofias progressistas da história já eram alvo das desconfianças de Johan Gottfried von Herder (1744-1893) e Giambattista Vico (1668-1744), o que sugere que a tal crença no progresso histórico jamais foi uma unanimidade, o que não quer dizer que não tenha sido hegemônica por, pelo menos, meio século. Já no final do XIX, e é exatamente isso que nos interessa neste artigo, a ideia de que as utopias progressistas davam sinais de cansaço estavam mais difundidas do que nunca, podendo ser percebidas, como tentamos demonstrar neste texto, na rede de socialização letrada estabelecida entre Eduardo Prado, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão.

Para os três amigos, aqueles eram tempos difíceis, de profundas transformações, que institucionalmente se traduziam nas crises dos regimes monárquicos brasileiro e português. A percepção que esses autores tinham da crise finissecular era, no entanto, muito mais profunda e aguçada. Eles estavam especialmente inquietos, e isso fica claro nos textos de foro íntimo, com o ritmo acelerado da temporalidade moderna, o que colocava em risco séculos e mais séculos de aprendizado e conhecimento. Por isso, cientes de que o acúmulo do conhecimento humano ao longo do tempo corria perigo e movidos por um sentimento conservador, esses autores interviram no debate público, sensibilizados pela ideia de que, na posição de homem das letras, eles tinham um dever cívico a cumprir.

Ao tomar como objeto de estudos a rede de interlocução letrada que no final do século XIX envolveu Eduardo Prado, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, estivemos interessados em compreender como eles utilizaram valores que são importantes para o vocabulário político ocidental moderno. Tanto o conservadorismo como o republicanismo, repertórios que, na nossa interpretação, os autores mobilizaram quando trataram de temas como temporalidade, tradição e função social das letras, se fortaleceram ao longo do século XVIII, como uma espécie de reação ao liberalismo burguês. Enquanto o liberalismo burguês tem o indivíduo como premissa, o conservadorismo defende a tradição e a manutenção dos vínculos comunitários e o republicanismo sobrepõe os interesses coletivos aos individuais. Ao mobilizar os repertórios conservador e republicano nas suas críticas ao modelo de sociedade que foi

---

<sup>67</sup> CARITAT, Marie Jean Antoine Nicolas. *Ensaio de um quadro histórico do espírito humano*. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 1993, p. 77.

forjado na ilustração, os três amigos verbalizaram as angústias que inquietavam a intelectualidade luso-brasileira naquele *fin-de-siècle*.

A análise da socialização letrada estabelecida entre Eduardo Prado, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós nos últimos anos do século XIX, portanto, mostra como os repertórios do conservadorismo moderno e do republicanismo clássico não são excludentes entre si, podendo mesmo configurar um terreno semântico comum aos intelectuais brasileiros e portugueses que naqueles tempos difíceis tentavam dar sentido e controlar a avalanche que eles mesmos chamavam de “civilização moderna”.

**Rodrigo Perez Oliveira:** Professor de Teoria da História e Historiografia Brasileira da Universidade Federal da Bahia. Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e, mestrado e doutorado em História Social pela mesma instituição. Suas pesquisas têm se voltado para a história do pensamento social brasileiro.